

RAFAEL & TERESA

LIVRO 01

Nota da autora

2020. Um ano atípico de que esta geração sempre se lembrará e que passará para a história como o ano em que os afetos foram postos em stand by e o distanciamento do contacto humano privilegiado. É neste contexto de perplexidade, em que a vida para e tudo se resume a ficar em segurança no nosso refúgio – a nossa casa, preferencialmente, – que nasce esta obra.

Sendo nativa de peixes e uma romântica incurável, sempre devorei romances de todos os tipos. A minha mãe dizia que, quando eu me embrenhava num livro, podia cair o mundo à minha volta que não me apercebia de nada. Sempre amei o sobrenatural, um mundo de fantasia em que os heróis são sempre heróis – mesmo imperfeitos – e as heroínas são fortes e decididas. Porém, são também homens e mulheres de carne e osso, que amam, apaixonam-se, lutam pela vida e pelos seus amores fortes e eternos. Neste mundo de fantasia, os shifters são e sempre serão a minha paixão. Assim nasce esta saga.

Os Giovenazzi representam a minha visão deste mundo, em que tentei colocar no papel, fantasia, romance, erotismo (o quanto baste, porque a vida não é nada sem um pouquinho de piripiri, como dizem os angolanos – angolana que sou), aventura, humor e muito da vida real.

Na procura por inspiração, encontrei os totens. As culturas indígenas e a sua ligação com a natureza. Também as diversas instituições e as próprias tribos, que lutam para preservar os seus costumes e tradições, orais e culturais, num mundo cada vez mais tecnocrata, onde a natureza assume um papel muitas vezes irrisório, na busca de um pretenso progresso que nos afasta cada vez mais das nossas raízes. Os leitores vão encontrar muitas expressões desses povos. Peço desculpas pelos erros que, eventualmente, cometerei no desenrolar das minhas histórias. Espero fazer o suficiente para homenagear todos eles e todas as culturas que irei apresentar na minha obra.

Estes livros são, essencialmente, ficção. Mas, como toda a ficção, e como a nerd que sou, não poderia não fazer muita pesquisa, embora superficial, dos temas abordados. Não quero e nem pretendo ser a dona da verdade em tudo o que é relatado nos meus livros. Grande parte da minha pesquisa vem da internet. O que escrevo nestas páginas é fruto da minha mente fantasiosa e imaginativa. Perdoem-me se algumas situações parecerem inverosímeis ou perfeitamente tontas. Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para enriquecer esta saga.

“À minha irmã, Luíza. Um dia vamos nos encontrar no céu, e a nossa festa vai ser tão grande, que todos os anjos invejarão a nossa alegria.”

Prólogo

{Um torna-se dois... dois tornam-se um... o Alfa encontrará a sua companheira... e o círculo ficará completo.}
– Profecia da Mãe Terra –

RAFAEL OUVIU mais uma vez a profetisa da matilha, Meda, recitar a profecia secular sobre o vínculo de companheiros que regia os da sua espécie. Os seus pais foram um desses afortunados casais, com um vínculo de companheiros verdadeiro. O amor entre eles era visível nos laços que criaram com a sua própria génese e com toda a matilha. Gavael e Cara mantiveram toda a matilha unida e, juntos, conseguiram levar todos os membros ao século XX, modernizando os meios de produção dos seus vinhedos, com a introdução do que havia de melhor no cultivo da uva e fabrico dos vinhos. Inclusive com a contratação de humanos, – que conviviam com os demais membros da matilha – muitos desconhecendo os segredos que se escondiam por trás de um dos negócios mais produtivos da região.

Em dois séculos de liderança, o casal manteve a paz e a união das famílias que compunham a matilha Giovenazzi. Até que um acidente de carro os levou prematuramente ao túmulo, deixando um vazio em todos os corações. Principalmente aos seus dois filhos: Giovanna e Rafael. O seu legado continuava agora, apoiado nos ombros dos dois. Essencialmente nos ombros de Rafael, que assumiu o seu lugar como o Alfa da matilha.

Era exatamente esse papel que ele assumia agora. Como Alfa, era da sua responsabilidade manter não só o progresso e a unidade de todo o grupo, como também o de preservar as tradições para as novas gerações. Esta era uma delas: a reunião de toda a matilha durante o equinócio, para celebrarem o início da primavera – cujos auspícios traziam prosperidade a toda a terra – e relembrarem o motivo da sua existência e a responsabilidade com as novas gerações: a preservação da sua cultura e costumes, de forma a protegerem-se da intromissão de olhares curiosos, que desvendariam os seus segredos ao mundo moderno. Se isso acontecesse, seria catastrófico a todos os níveis. Seriam provavelmente usados como cobaias de experimentos e, a curto prazo, todos seriam dizimados. Era necessário relembrar o porquê do secretismo e o Conselho, formado pelos membros mais velhos e mais honoráveis da matilha, era o responsável pela transmissão de todo o conhecimento às novas e velhas gerações.

Assim, Meda falava agora de algo que, tanto novos, quanto velhos, já tinham ouvido um sem número de vezes. De como os companheiros e o seu vínculo eram importantes para a manutenção dos laços de família que mantinham a matilha unida e solidária.

Pena que, no seu caso, isso ainda não acontecera. Com cerca de sessenta anos de idade – ainda muito novo no mundo dos *shifters* – Rafael ainda não tinha encontrado a sua outra metade. Duvidava que isso acontecesse num futuro próximo. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de tomar uma decisão a esse respeito. Se não encontrasse a sua companheira destinada, teria de acasalar com uma das filhas de alguma das famílias da matilha. Simplesmente não tinha vontade de o fazer tão cedo. Nenhuma delas o atraía a esse ponto.

Os seus devaneios foram interrompidos por um toque no seu ombro. Miguel, o executor chefe, um dos homens da sua confiança e um dos poucos a quem considerava como um irmão, olhava para ele com um sorriso irónico.

— Acorda, irmão. Acho que é a tua vez de falar.

Olhando ao redor, percebeu que todos os olhares estavam sobre ele em expectativa. A sua irmã tinha um olhar interrogativo e perguntou-lhe, preocupada.

— Rafael? Aconteceu alguma coisa?

— *Niente, sorella*[1]. Nada. — Ele dirigiu-se à matilha usando o elo mental com cada membro. *"Obrigado a todos por esta noite. Devemos mais uma vez manter-nos unidos contra tudo e contra todos. Família acima de tudo. O nosso espírito de união é que nos mantém fortes. Obrigado a todos."*

Soltou um uivo, convocando todos a fazerem o mesmo enquanto a transformação tomava conta dele. Como um Alfa Nascido, o seu lobo destacava-se dos demais, – de cor branca, com cerca de dois metros e meio de comprimento e metro e meio de altura, era maior que os lobos comuns. A sua cor era incomum, assim como a marca no seu flanco direito. Uma meia-lua marcava-o como um alfa sem companheira. O círculo ficaria completo assim que encontrasse a sua outra metade e completassem a sua união, conforme a profecia.

Um por um, todos os elementos da matilha uivaram, fazendo coro ao seu chamado e permitindo a mudança dos seus corpos. Ossos estalaram, alguns gemidos ouviram-se. Lobos cinzentos e alguns de cor castanha, de todos os tamanhos, juntaram-se ao seu alfa, a uivar para a lua, preparando-se para correr e caçar como uma unidade. À frente, os

[1] "Nada, irmã", em italiano.

batedores, seguidos pelos mais velhos e pelas fêmeas com as suas crias, protegidas pelos outros adultos e jovens. Flanqueando a matilha, os executores iniciaram a caçada da noite.

Capítulo 01

Montepulciano, Itália

TERESA OLHAVA, encantada, para a paisagem ao redor enquanto tomava um café na Piazza Grande, em Montepulciano. Aguardava por alguém que a viria buscar para o seu novo emprego. Giovanna Giovenazzi, coproprietária de uma das maiores viticulturas da região da Toscana, com sede nos Estados Unidos, na Califórnia.

Cientista e investigadora, Teresa orientou toda a sua pesquisa para o controlo da fermentação do vinho, investigando os diversos tipos de levedura e o seu uso na obtenção de uma melhor qualidade do produto. O seu trabalho na área chamou a atenção de alguns grandes produtores mundiais e esse era o motivo de estar nesta região paradisíaca.

Deleitou-se a contemplar os edifícios que cercavam a praça. A construção de estilo medieval era pitoresca, assim como a simpatia do povo italiano, que se mesclava às centenas de turistas que procuravam os melhores recantos para as suas fotografias. Depois de uma viagem chuvosa de cerca de quatro horas desde Milão, na tarde do dia anterior, ela regalava-se com o sol primaveril e com a consciência de que séculos e séculos de história a cercavam.

Enquanto observava, divertida, a algazarra das crianças que saltitavam, a brincar com as bolas de sabão que um dos vendedores ambulantes soltava, viu a aproximação de uma mulher que se destacava da multidão e atraiu os olhares dos transeuntes. Ela caminhava soberana, elegante, o seu andar seguro e cadenciado. Giovanna Giovenazzi... A *Bella Anna,* como era chamada pelas revistas de celebridades, aproximava-se dela a passos largos. Vestida de forma primaveril, com um conjunto de calças esvoaçantes de cor verde, um suéter a combinar e um casaco sobreposto, Giovanna era uma visão. Linda, para dizer o mínimo, ela caminhava entre a multidão como se pertencesse ali sem nenhuma dúvida. E pertencia.

A *famiglia* Giovenazzi era uma das mais antigas desta região da Itália. Foi também uma das primeiras famílias a emigrar para os Estados Unidos, onde tinham a sede da sua empresa. Dona de grandes vinhedos e com interesse em diversas áreas industriais, era uma das mais tradicionais famílias ítalo-americanas conhecidas nos dois continentes. Também uma das mais badaladas e procuradas pelos tabloides. Todos os seus passos eram escrutinados pela imprensa cor-

de-rosa. Nesse mesmo instante, diversos fotógrafos tentavam capturar algumas imagens, mesmo que fortuitas, de uma das herdeiras mais ricas e formosas da região da Toscana. *Tentavam* era a palavra certa, porque ela estava ladeada por dois seguranças que bloqueavam todos os esforços de captação de imagens.

Grandes e musculosos, os dois homens eram assustadores e impunham respeito pela sua simples presença. Olhando mais pormenorizadamente, reparou que eram também muito bonitos. Pele morena, feições latinas e um andar sinuoso que lembrava o de grandes felinos, eles chamaram a atenção de algumas mulheres. Os dois pareciam ignorar os olhares de admiração, concentrados na sua tarefa de resguardar Giovanna dos olhares curiosos da multidão e dos *paparazzi*.

Teresa observou a dinâmica e interação do trio. Quando ainda contemplava, absorta, os dois pedaços de homem, Giovanna chegou ao seu lado.

— Teresa Aguiar? — Ao seu assentimento, ela continuou. — Prazer em conhecê-la. Giovanna Giovenazzi. Bem-vinda à nossa região.

Teresa levantou-se para cumprimentar Giovanna.

— Senhora Giovenazzi.

— Céus, Teresa. Não me chame assim. Meu nome é Giovanna, como deve saber. E não se atreva a chamar-me *Anna*. Detesto esse apelido.

Teresa esboçou um pedido de desculpas, preocupada por tê-la ofendido, mas Giovanna fez-lhe sinal para que voltasse a sentar-se e chamou a garçonete. Ao dar-se conta de quem ela era, a garçonete deu um grito para dentro do estabelecimento. Um homem, nos seus sessenta anos, barrigudo e com um bigode farfalhudo, veio rapidamente ao encontro da mesa.

— *Signora* Giovenazzi. *Ma che piacere*[2]. — Giovanna levantou-se e cumprimentou o homem com dois beijos na face. Os dois entabularam uma conversa em italiano, que Teresa tentou acompanhar, traduzindo as palavras em simultâneo.

— Bom dia, Mario. Como está? E Maria e as crianças?

— Bem. Bem-vinda à minha humilde casa. Como posso servi-la?

Giovanna olhou para o que Teresa tinha na mesa e disse a Mario.

---

[2] "Senhora Giovenazzi. Mas que prazer." Em italiano.

— O mesmo que a minha convidada. Apresento-lhe Teresa Aguiar. — Apontou para Teresa, que foi saudada com a mesma efusividade por Mario. —Traga-me um café e alguns *cornettos*[3] com geleia e chocolate. E não se esqueça de Bernardo e Manolo.

Ela apontou para os dois seguranças que se sentaram numa mesa ao lado delas. Os dois mantinham uma séria vigilância sobre todos os clientes que as rodeavam, desafiando qualquer um dos fotógrafos a erguer uma das suas câmaras. Aparentemente cordiais e tranquilos, emitiam ondas de '*atrevam-se, se forem capazes',* que intimidavam até o mais afoito deles.

Mario acenou com um sorriso e afastou-se para providenciar o que lhe foi pedido, gritando para as garçonetes que pararam para observar a movimentação.

— Mexam-se. O que estão a olhar? Temos clientes para atender. *Sposta, sposta. Andiamo, avanti*[4]*!*

Giovanna riu, bem-humorada. Ainda sorridente, virou-se para Teresa.

— Desculpe. Aqui somos todos como uma família. Você vai se acostumar com a nossa efusividade.

— Não é assim tão diferente dos portugueses. Nós somos só um pouco menos... espontâneos?

— Sim, acho que isso nos define muito bem. Então, o que acha da nossa pequena cidade?

— É linda e o povo é fantástico.

— Assim é. Vai gostar ainda mais da Califórnia. Vamos comer e apreciar esta manhã lindíssima de primavera. Deixemos as coisas mais sérias para depois.

Teresa assentiu e resolveu aproveitar o pequeno interlúdio, antes de se inteirar de todas as responsabilidades que o seu novo cargo exigiria.

Mario aproximou-se com uma bandeja carregada de doces e *cappuccino*, e serviu as duas mesas. A seguir, iniciou uma conversa animada com Giovanna que, pelo que Teresa pôde perceber, girava em torno das façanhas de dois jovens, filhos de Mario e Giulia.

Enquanto tentava acompanhar a conversa, observou Giovanna mais de perto. Quem a ouvisse não diria que ela era uma das mais renomadas enólogas da atualidade. Famosa não só pela sua beleza e assiduidade nas colunas sociais, *Anna* Giovenazzi era uma especialista

---

[3] Massa folhada doce e recheada, semelhante a um *croissant*, típica da pastelaria italiana.
[4] "Mexer, mexer. Andem, avancem." Em italiano.

na área e responsável pela produção de vinhos famosos, resultantes do cultivo de cepas especiais de *Cabernet sauvignon*. Sabia que ela tentava expandir os negócios para aquilo que era uma grande tendência atual de produzir vinhos mais naturais, com o seu *terroir*. Isso significava produzir o vinho com o cultivo de uvas sem herbicidas, pesticidas ou fertilizantes químicos, usando somente os restos do mosto – cascas, galhos e sementes – aproveitando os elementos do solo, numa produção mais artesanal. Com esse retornar às origens, o objetivo era assegurar que os vinhos tivessem um sabor equilibrado das frutas, com os ricos aromas e essências da uva varietal. A meta final seria produzir um vinho que, no copo, refletisse o solo, o clima e a personalidade das pessoas envolvidas na produção do mesmo. Esse era um dos pontos de interesse de Teresa e onde ela sabia que podia ajudar com a sua especialização.

Com o dispersar dos seus pensamentos, não se deu conta de que a conversa cessou de repente e que dois pares de olhos olhavam para ela com curiosidade.

— Teresa?

Ela retornou ao presente com um sobressalto.

— Desculpe. Distraí-me por alguns segundos. Tenho essa tendência às vezes, perco-me nos meus pensamentos.

— Mario perguntava se está satisfeita ou se quer mais alguma coisa. — Disse Giovanna.

— Estou satisfeita, obrigada. Está tudo muito bom. Desculpe a minha distração.

Giovanna traduziu as suas palavras e Mario sorriu para ela com grande alegria, lançando uma torrente de palavras que ela conseguiu entender com dificuldade.

— Não se desculpe, senhora. É jovem e sonhadora. Como devem ser todas as senhoritas. Vão me desculpar, mas devo voltar ao trabalho. Tenham um bom dia e voltem sempre. Giovanna, leve um abraço a Rafael. Espero que ele nos venha visitar logo que possa.

A referência do nome do sócio maioritário dos Giovenazzi provocou-lhe um frio na espinha. Rafael Giovenazzi era um dos nomes mais conhecidos, não só no mundo da vinicultura, como também pelos meios de comunicação social. Um dos *playboys* mais badalados da alta sociedade, tanto na América quanto na Europa. Bonito, elegante e bem-sucedido, era desejado por todas as *socialites* e, porque não dizer, por simples mortais como ela. Ainda não acreditava que ia trabalhar para ele. De vez em quando, desde o primeiro contacto no laboratório da Faculdade de Biotecnologia, até à oferta de trabalho que recebeu, beliscava-se para se convencer de que não estava a sonhar. O rosto do proprietário da marca Giovenazzi estava não só em todas as revistas

conceituadas da área, como também em todas as revistas cor-de-rosa, assim como a sua irmã. As suas colegas suspiravam de cada vez que viam uma reportagem ou entrevista com ele e ela não era exceção. Só esperava conseguir controlar-se e saber comportar-se profissionalmente na sua presença.

Inspirando profundamente para controlar as batidas frenéticas do seu coração – que disparou com o rumo dos seus pensamentos e com o nome de Rafael – assistiu à despedida entre Mario e Giovanna, observando, com certa surpresa, que ele também cumprimentou os dois seguranças. Parentes, talvez? Ao dar-se conta da sua curiosidade, Giovanna esclareceu.

— Desculpe a minha falta de educação, Teresa. Não vos apresentei: Bernardo e Manolo, esta é a Dra. Teresa Aguiar, a nossa nova chefe de laboratório. Manolo e Bernardo são meus primos. São *famiglia*.

Os dois sorriram e cumprimentaram-na com um leve meneio de cabeça, mantendo, entretanto, a expressão séria e atenta, o que provocou uma careta desgostosa da parte de Giovanna.

— Não ligue para eles. Levam o trabalho muito a sério. Acham que há sempre algum perigo ali na esquina.

Bernardo sorriu e fez um gesto como se fosse brincar com os cabelos de Giovanna.

— Não sejas resmungona, Gio. Sabes bem que é necessário que estejamos atentos. Não te esqueças do que aconteceu há um mês.

Manolo assentiu em concordância. Giovanna ficou pálida à menção de um acontecimento que marcou as revistas sensacionalistas no mês anterior. Numa exposição de grandes vinhos, houve um ataque à mão armada num dos *stands* da marca Giovenazzi. Felizmente a segurança agiu rapidamente e o atirador foi preso. Infortunadamente, o criminoso escapou do julgamento, ao ser assassinado na prisão após uma disputa entre presos.

— Acho que a Doutora sabe o que aconteceu, — disse Manolo. Com o seu assentimento, ele continuou. — Tivemos de aumentar o cuidado e os níveis de segurança ao redor da nossa *famiglia*. Esse nível de segurança estende-se a todos os nossos funcionários. Principalmente àqueles que têm acesso direto aos membros da família.

— Isso quer dizer que se estende também a si, Doutora. Desde que assinou um contrato connosco, está assegurada também por nós. — Complementou Bernardo.

Giovanna suspirou.

— Não a assustem, rapazes. Este não é o lugar para discutir isso ou qualquer outro detalhe relacionado ao trabalho. Teresa, gostaria

muito de a levar para conhecer a Toscana. Infelizmente só temos mais esta tarde. Sei que nunca esteve nesta região, não é?

— Não. Não saí de Milão desde que iniciei o doutoramento. Muito para estudar e pouco tempo para fazer turismo.

Sem contar que, com a atenção que a sua pesquisa exigia, Teresa era praticamente obrigada a dormir na própria faculdade, no quarto contíguo ao laboratório. Perdera os pais muito cedo e com a morte da sua avó, há ano e meio atrás, também as viagens a Portugal deixaram de fazer sentido, uma vez que não lhe restava nenhum parente próximo. Assim, a sua vida social resumia-se a uma ou outra saída ocasional do laboratório para um café ou jantar de aniversário de um ou outro colega, que faziam questão de a arrastar do que eles chamavam que era a sua '*cela especial*'.

— Que pena. Espero que possa voltar para conhecer melhor este país.

— Espero que sim.

— Temos apenas duas semanas, a partir de hoje, para prepararmos o nosso *stand* para a Northwest Wine Expo, por isso devemos viajar amanhã, logo cedo. Tem o seu passaporte e tudo preparado, não é?

— Sim, a sua secretária ajudou-me a preparar todos os detalhes para a viagem.

— Ah, abençoada Michelle. Não sei o que faria sem a sua assessoria. Então, sendo assim, podemos ir buscar a sua bagagem e pôr-nos a caminho.

Ao seu sinal, Bernardo e Manolo levantaram-se e posicionaram-se de forma a ficar um à frente e outro atrás das duas, abrindo passagem estre os turistas e vendedores que enchiam a praça. Teresa tentou seguir os passos de Giovanna, sentindo como a sua vida, antes tão pacata e centrada, começava a dar um giro de 360º – um novo projeto, um novo emprego, outro país – era um desafio que estava ansiosa para enfrentar.

Capítulo 02

Mendocino County, Califórnia

RAFAEL FITAVA os pés de videira queimados à sua frente com o cenho franzido. Ao seu lado, Rolando descrevia-lhe o que achava que parecia ser um ato criminoso.

— É o que eu digo, Rafael. Foi mais um. Se Brunno não tivesse chegado a tempo e dado o alarme...

Rafael olhou para as cinzas, à procura de pistas que o levassem ao autor da queimada. Era já a quarta tentativa de incêndio na sua propriedade em seis meses e não estavam nem perto ainda de descobrir os autores. Mesmo com o aumento da segurança e dos turnos de vigilância implementados por Miguel e o seu grupo de executores e recrutas.

O último grande incêndio coincidiu com o acidente que vitimou os seus pais. Os vinhedos foram devastados por uma grande praga de filoxera – um minúsculo e maldito inseto sugador de seiva, com um ciclo de vida totalmente dependente da vinha, – que atingiu todo o estado da Califórnia e arruinou uma série de negócios. Rafael e Giovanna tiveram de assumir uma matilha em luto pela morte do seu casal de Alfas, ao mesmo tempo que receberam de herança os vinhedos destruídos pela praga do inseto. Enquanto tentavam descobrir como salvar uma parte das vinhas, um fogo começou numa das extremidades da plantação. Com o vento, e o clima mais seco desse verão, foi impossível controlar o alastrar das chamas, que se estenderam a toda a propriedade. Só conseguiram salvar as casas e os galpões, onde ainda estavam as safras mais antigas e a do ano anterior – foi isso que os salvou, assim como as economias que os seus pais ainda tinham. As investigações revelaram que foi fogo posto. Infelizmente não conseguiram descobrir os autores.

Para salvar o negócio da família e manter o meio de subsistência da matilha, todos tiveram de pôr mãos à obra e replantar hectares e hectares de vinhedo, utilizando os meios mais eficazes e conhecidos para evitar a praga da filoxera e manter os caules saudáveis. O laboratório de biotecnologia de ponta nasceu da necessidade de controlar essa e as demais pragas, mantendo assim a qualidade dos vinhos produzidos pela marca Giovenazzi.

O chamado de Rolando nessa manhã por causa do fogo num dos pontos mais equidistantes da vinicultura, era mais um revés no

meio de muitos outros. A equipa de Rolando controlava o plantio e replantio das videiras, com especial cuidado no controlo das pragas e de outras ocorrências. A vigilância era constante. Este fogo era preocupante, porque estava numa das áreas destinada à produção de uva sem fertilizantes e em solo rico para os vinhos *terroir,* que eram a coqueluche atual da sua irmã. A Herdade investira muito em publicidade no ano anterior para esta nova safra de vinhos. Uma tentativa de incêndio, bem no meio dos canteiros, era bastante suspeita.

Não havia marcas evidentes de pneus, o que parecia descartar a possibilidade de que o fogo tivesse sido iniciado por humanos – o acesso teria de ser feito de carro, ou trator, para esta área. A outra possibilidade era preocupante. Os criminosos teriam de ter vindo da floresta. A propriedade vinícola fazia fronteira com boa parte da Mendocino National Forest. Essa fronteira era propositada. A matilha precisava de espaço para correr, longe de olhares estranhos e protegida das novas tecnologias. A sua família ajudava as autoridades do condado na preservação das inúmeras sequoias e carvalhos, mantendo um manto de invisibilidade e proteção a todos os membros da matilha. Um grande fosso separava a propriedade da mata e só um *shifter* o conseguiria transpor. Pensar que alguém da sua matilha fosse capaz de um ato criminoso que afetaria todo o grupo, era esmagador.

— Porra, filhos da puta! — Rolando soltou alguns impropérios enquanto cavava a terra, o que atraiu os olhares de Rafael e Miguel. Eles aproximaram-se para observar quais eram as causas da sua fúria: um frasco partido com um trapo de pano queimado. — Álcool. Isto foi jogado aqui.

Os seus sentidos apurados já tinham sentido o cheiro. Porém, havia outro componente, mais leve e subtil, que permeava a terra. Outro acelerante? Enquanto observava o frasco, a tentar colher outros detalhes, ouviu um chamado da sua esquerda. Miguel observava atentamente um dos acessos ao canteiro. A terra foi varrida, como que para encobrir um rastro de pneus... o trabalho foi bem feito, salvo por um entalhe perto de um arbusto. Uma marca distinta de um pneu... uma moto quatro?

— Alguém de dentro? — Rafael perguntou. — Algum dos nossos tem uma moto quatro?

Miguel olhava para as marcas, pensativo.

— A marca é forte. O pneu é novo... só conheço uma pessoa que tenha comprado uma há muito pouco tempo.

Rafael olhou para ele com uma expressão de espanto.

— Lyman?

— *Doutor* Lyman Walker? — Rolando ecoou ao lado deles, num tom irónico e irritado. Assim como ele, Lyman era agrónomo, contudo insistia em ser chamado de *Doutor*, o que contrariou Rolando desde o primeiro momento. Onde este priorizava o respeito à sua profissão, pelo exemplo e contacto direto com a terra e com os demais trabalhadores, Lyman era pedante e arrogante, assumindo uma posição de superioridade sobre os outros, inclusive sobre o próprio colega de profissão.

— Se for ele, temos de considerar que isto já vem de algum tempo... todos os incidentes anteriores... — Disse Rafael. — Isso também explica o outro cheiro... foi usada outra substância para acelerar o fogo. Só um frasco de álcool não faria um estrago tão grande.

— Tem de ser alguém com um certo conhecimento. É a primeira pista real que temos. — Miguel continuou a procurar e entrou na mata. Depois de alguns instantes, ele chamou. — Rafael! Tens de ver isto.

Vindo de dentro da mata, ele trazia algo nas mãos. Ao aproximar-se, Rafael percebeu que era um pedaço de tecido sujo e amarrotado.

— Alguém esteve aqui. Sinto dois cheiros distintos. Dois lobos. O cheiro já é velho. Só um se transformou.

Rafael levou o tecido ao nariz, enrugando-o com o cheiro de sujeira e suor que dele vinha. Aprofundando mais, apercebeu-se de um odor que lhe pareceu familiar. Ainda tentava dar sentido às suas suspeitas quando Miguel continuou.

— Acho que devemos ir atrás da pista.

Rafael pôs-se em movimento e Miguel entrou na mata, atrás dele. Olharam atentamente para os arbustos amassados e para o chão ao redor. Para o olhar de um humano comum, a terra revolvida teria passado como um fenómeno natural da fauna local. Para os seus instintos de *shifters*, era evidente que nada era natural no montículo de terra. Associado à tentativa de alisar o terreno havia um cheiro persistente de lobos.

Apurando o seu olfato, Rafael percebeu uma leve trilha que conduzia ao rio que dividia a floresta. Era mais fácil seguir o rasto como lobo. Assim poderia percorrer as milhas entre os troncos fortes na mata cerrada. Encontrou uma pequena clareira adiante e despiu as suas roupas, agrupando-as num monte e protegendo-as atrás de um arbusto para o retorno. Viu que Miguel seguiu o seu exemplo e, sem pensar muito, deixou que a transformação tomasse conta dele.

Em questão de segundos, o seu lobo branco surgiu na clareira. Ao seu lado, Miguel demorou um pouco mais de tempo a transformar-se. O seu lobo cinzento, ligeiramente mais baixo que o de Rafael, porém

igualmente forte, iniciou a caça, procurando o caminho que os dois invasores tomaram. A trilha levou-os à margem do Rio Gualala.

Mudando de forma e convocando Miguel a fazer o mesmo, Rafael apontou para o rio.

— Vieram de barco. A pista perde-se aqui.

Miguel assentiu e começou a percorrer as margens, entrando e saindo da mata.

— Olha para isto.

Miguel tinha nas mãos cacos de vidro. Rafael aproximou-se e embrenhou-se mais no local. Encontrou alguns frascos partidos, com pedaços de tecido e forte cheiro de álcool, jogados na vegetação. Um deles tinha uma cor acobreada que chamou a sua atenção.

— Sangue. Parece que tiveram um acidente aqui.

— Traziam o álcool em frascos. — Miguel tinha a mão apoiada no solo com os olhos fechados e usava o seu dom de ler a terra. — Partiram-se. Um deles ficou ferido. Foram obrigados a levar só o que sobrou. Provavelmente enrolado na roupa. Por isso só um deles se transformou.

— E tentaram esconder tudo, limpando as evidências. Mas foram desleixados. — Rafael cheirou o sangue, as suas suspeitas a aumentarem. — Cheira isto. Com atenção.

Miguel cheirou o vidro ensanguentado que ele estendeu. Rafael continuou.

— O mesmo cheiro da roupa. Não parece familiar?

Miguel levou algum tempo a processar a informação. Depois de alguns instantes, a compreensão instalou-se no seu olhar.

— Salvatore! Não pode ser! Porquê?

Rafael franziu as sobrancelhas, a sua expressão grave. Salvatore era o irmão mais novo do seu pai. O seu lado da família era o responsável pela construção das casas da matilha. Também pelos barris de carvalho, onde os vinhos da Herdade eram mantidos em conservação. Era madeireiro e carpinteiro de profissão e possuía as terras do outro lado do rio.

— Não acredito! — Miguel estava furioso. — Não bastava a guerra pelo controlo da matilha, agora também isto?

Após o acidente que vitimou Gavael e Cara, Salvatore apresentou-se como o sucessor natural para liderar a matilha, com a alegação de que o seu sobrinho ainda era jovem e com pouca experiência para a tarefa. Ele foi ao Conselho numa tentativa de conseguir aliados para a sua ideia de liderar até que Rafael completasse setenta anos. Isso dar-lhe-ia cerca de quarenta anos de dominância.

Rafael e Giovanna opuseram-se à ideia e, com o apoio da maioria do Conselho, assumiram o controlo da matilha.

Aparentemente, Salvatore aceitou a imposição do Conselho, mas, desde esse período, tanto ele, quando os dois filhos, Seamus e Fabrizio, deixaram de participar das reuniões mensais da matilha, mantendo apenas os negócios já previamente contratualizados. Entretanto, pequenos acidentes começaram a acontecer: incêndios inexplicáveis, acidentes com o transporte dos vinhos, vandalismo em *stands* e nos laboratórios da vinícola, propaganda negativa nas redes sociais, ataques informáticos... por último, a tentativa de assassinato no ano anterior, que teria vitimado Giovanna se não fosse a pronta atuação dos executores que a acompanhavam. Este incêndio era só o culminar de todos os incidentes que aconteceram desde então.

— Está na hora de confrontar o meu '*querido*' tio. Isto já foi longe demais.

Miguel assentiu gravemente. Enrolando as provas em folhas de árvores, de forma a poderem ser levadas pelo focinho dos seus animais, deslocaram de forma novamente e fizeram o caminho de volta.

Já na Herdade, conversaram mais um pouco com Rolando. Arquitetaram um plano para expor Lyman e confirmarem as suspeitas de cumplicidade do técnico no incêndio. Com a garantia de que haveria aumento da vigilância presencial sobre as terras, iniciaram o caminho de volta, com Miguel na direção. Os dois tinham uma expressão sombria e ainda ruminavam sobre os acontecimentos quando, de repente, Rafael exclamou:

— Cuidado! Desvia!

— O que...!

Saindo do nada, um adolescente atravessou a estrada à frente da picape. Miguel pisou fundo no travão e desviou o veículo para a esquerda, numa tentativa de diminuir o choque, sem o conseguir na totalidade. O jovem foi atingido e arremessado alguns metros mais à frente na estrada de terra. Com o coração acelerado, Rafael saltou da picape ainda em funcionamento e correu em direção ao rapaz, que já esboçava um movimento débil para se levantar do chão.

— Não te mexas. Fica quieto. — Rafael conteve o jovem e analisou rapidamente o seu corpo à procura de lesões mais graves. O rapaz gemeu e balbuciou incoerentemente.

— Não... não... por favor... tenho de... casa principal... preciso...

Com um gemido final, o rapaz desmaiou.

— Puta merda! Ele está bem? — Miguel ajoelhou-se do lado oposto a Rafael, ainda em choque. — Eu não o vi. Merda. Não consegui desviar a tempo.

— Não me parece que haja lesões mais graves. Ele é um *shifter*. Curará mais rápido, mas é necessário um exame mais minucioso. Vamos levá-lo para a enfermaria da clínica. Benito saberá dizer se a situação é mais complicada do que julgamos.

Com cuidado, Rafael pegou o jovem nos braços. Assombrou-o o quão leve ele era. Parecia desnutrido e maltratado, com roupas muito folgadas no seu corpo ainda mal saído da infância. Estranhou o facto, uma vez que os jovens da matilha não apresentavam estes sinais de negligência. Ao olhar mais de perto, não reconheceu este jovem em questão. Acomodou-o na traseira da picape e posicionou-se ao lado dele, procurando deixá-lo confortável enquanto Miguel dirigia à toda a velocidade para a clínica, situada num anexo ao lado dos laboratórios da vinícola.



Benito, o médico chefe da matilha, recebeu-os na porta, já tendo sido avisado do acidente por Miguel.

Colocaram o rapaz numa das macas de observação. O médico iniciou rapidamente os procedimentos de avaliação e enxotou-os para a sala de espera.

Após cerca de dez minutos, ele apareceu à porta.

— O rapaz está bem, na medida do possível. Nenhuma fratura. Além dos hematomas óbvios, sofreu também uma concussão e está inconsciente neste momento. Quando acordar vai sentir uma dor de cabeça brutal, mas a sua genética de lobo vai ajudá-lo a melhorar.

Ele ainda falava quando ouviram os gemidos do jovem na sala anexa.

— Bem, parece que ele acordou. — Benito foi imediatamente para dentro, seguido por Rafael e Miguel. O rapaz remexia-se contra os lençóis, numa agitação visível. — Calma, rapaz, calma. Devagar... assim vais te magoar ainda mais.

O jovem debateu-se contra as restrições de Benito por mais alguns segundos e então abriu os olhos repentinamente.

— Não! Largue-me! Tenho de chegar à casa principal! O Alfa, preciso falar com o Alfa!

Rafael adiantou-se.

— Calma, rapaz. Ouve o médico e tenta ficar quieto.

Rafael usou a persuasão da sua voz de Alfa. Após alguns segundos, o jovem pareceu ficar mais tranquilo e olhou ao redor da sala.

— Onde estou? O que aconteceu? — Ele pareceu sentir a sua cabeça nesse instante, porque levou uma das mãos à testa. — Ui, a minha cabeça.

— Foste atropelado. Na verdade, acho que quem foi atropelado fui eu, uma vez que foste contra a minha picape, saindo não sei de onde. — Disse Miguel, a voz ainda tensa de preocupação.

O rapaz olhou para ele e em seguida para Rafael, o reconhecimento a atingi-lo aos poucos.

— Olá, garoto. — Disse Rafael. — Vejo que me reconheces, embora eu nunca te tenha visto por aqui. A que família pertences, e qual é o teu nome?

— *OMG*[5]... é você mesmo! Eu consegui chegar realmente aqui. — Disse o rapaz, o entusiasmo maior do que a dor, apesar das suas caretas.

— Bem, parece que sim. Agora, que tal responder às perguntas do Alfa enquanto te dou uma medicação para aliviar essa dor de cabeça? — Benito dirigiu-se ao armário da sala contígua e retornou com umas pílulas e um copo de água. Os remédios não fariam grande efeito no rapaz, porém abrandariam os sintomas enquanto os seus genes se reorganizavam para curar as suas lesões.

— O meu nome é Enrico Mazzola e eu trabalho na Italian Lumber Company. — Declarou o rapaz com orgulho evidente.

— *Trabalhas*? Quantos anos tens, Enrico? — Perguntou Rafael, nada satisfeito ao saber que Enrico vinha da empresa do seu tio.

— Dezasseis. Idade suficiente para ajudar a sustentar a minha família.

— Tirando a parte em que deverias estar na escola e não a trabalhar para sustentar a tua família, porque é que precisavas chegar até à casa principal? O que queres com o Alfa? — Perguntou Miguel, também irritado com o facto de ver um adolescente a trabalhar, em vez de estar na escola com os jovens da sua idade.

— A minha irmã. — Enrico ficou novamente agitado e estendeu as mãos para Rafael, a sua expressão suplicante e aflita. — Por favor, Alfa, tem de ajudar a minha irmã e a minha mãe. Eu tentei, mas...

Rafael levantou uma mão, interrompendo-o.

— Começa do princípio, Enrico. — Disse ele, puxando uma cadeira e sentando-se próximo à cama.

Enrico assentiu, o que lhe provocou um esgar de dor e uma careta. Rafael percebeu que a cabeça ainda o incomodava, mas o rapaz pareceu superar o pequeno desconforto e começou o seu relato.

— O meu pai trabalhava para a Italian Lumber Company. Era artesão. Tudo ia bem, até... — ele parou e olhou de forma temerosa para

---

[5] "Oh, My God; oh, meu Deus."

Rafael, que lhe fez sinal para continuar. — Até que o filho do chefe assumiu os negócios.

— Seamus. — Miguel grunhiu o nome como se fosse uma víbora.

— Sim, Seamus, Fabrizio e os seus executores. — À menção dos nomes dos seus primos, Rafael rosnou. Quando viu que a sua reação assustou o jovem, tentou assumir uma postura mais relaxada. Como qualquer membro da matilha, Enrico sentia a ira de um alfa e reagia com tensão acrescida.

— Continua, Enrico. Conta-nos tudo. — Disse ao rapaz.

Enrico pigarreou, limpou a garganta e continuou.

— Há dois anos tudo mudou. O meu pai costumava ter turnos de sete horas e estava sempre connosco, nos fins de tarde e fins de semana. Quando Salvatore passou a responsabilidade da empresa para Seamus, ele começou a cobrar impostos sobre as nossas casas e ameaçou expulsar todas as famílias, se não pagassem. O meu pai fazia turnos de doze horas e era obrigado a trabalhar nos fins de semana para pagar os impostos. Depois de uns seis meses, isso também não dava e a minha mãe foi obrigada a trabalhar... ela é cozinheira e foi trabalhar na cantina da madeireira, para ajudar nas despesas e para termos o que comer. — Rafael esforçou-se para acompanhar a torrente de palavras que o jovem proferia. Enrico parecia ansioso e mal respirava entre as frases, porém, mantinha um vocabulário fluente e um relato coerente, o que dizia que era letrado e inteligente. — O meu pai não descansava quase nada, emagreceu, perdeu a alegria de viver pouco a pouco... Seamus obrigava todos os trabalhadores a fazerem turnos extras no corte da madeira, até que, há um ano, houve um acidente com uma das máquinas de corte... — A voz de Enrico falhou com um soluço.

Rafael esticou o braço e apoiou a mão no ombro do rapaz, ajudando-o com a sua dor e animando-o a prosseguir. A narrativa dele irritou-o, mas a dor de Enrico era a sua prioridade nesse momento. Todos os *shifters* lobo tinham um dom próprio. O dele era o de aliviar a dor e acalmar as emoções mais violentas através do toque ou da voz.

— Calma, Enrico. Leva o teu tempo.

— Eu não posso! Quanto mais tempo passa, mais a minha irmã... a minha irmã está em perigo! Por favor, Alfa, por favor, tem de a salvar!

— O que se passa com a tua irmã?

A pergunta veio de Benito, que estava calado até então. Enrico engoliu um soluço e continuou a falar com a voz entrecortada.

— A minha irmã é Engenheira Informática. — Ele falou, com orgulho evidente na voz. — Tinha acabado o curso quando o nosso pai faleceu, no ano passado. Veio para casa para ajudar a minha mãe.

Infelizmente, ela não conseguiu emprego em lado nenhum e foi trabalhar no supermercado da vila, como caixa. Eu deixei a escola… elas não queriam, mas fui trabalhar no corte da madeira. Tinha de ajudar em casa.

O rapaz fez uma pausa para tomar os comprimidos que Benito lhe deu. Depois de beber mais um pouco de água, continuou.

— Tudo ia bem até que Seamus viu Beatrice. Começou a andar atrás dela e a fazer emboscadas. Aparecia sempre na aldeia ao final da tarde, com um ou dois homens. A minha irmã não se sentia à vontade com o seu assédio e pedia sempre à minha mãe para não a deixar sozinha com ele. Quando não era possível, porque a minha mãe estava a trabalhar, ela saía sempre de casa para o receber do lado de fora. Tentou esquivar-se dele de todos os jeitos. Mas ele continuou a aparecer e começou a ir ao trabalho dela, oferecendo-se para levá-la para casa. — O rapaz falava sem parar e Rafael teve de fazer uma ginástica mental para o acompanhar. — O mês passado ele foi falar com a minha mãe. Disse que perdoaria a renda mensal da nossa família se ela deixasse a Beatrice ficar com ele. Beatrice disse-lhe que não. Não o amava, não gostava dele dessa forma e não precisávamos da esmola dele – ela trabalhava, junto com a minha mãe, e todos juntos iríamos conseguir sobreviver – sem depender dele e da sua proposta. Seamus ficou furioso. Saiu de lá a dizer que ela ia arrepender-se. Que depois não adiantaria implorar e chorar para ele, porque depois só a iria querer como a prostituta que era para…

Miguel deu um grunhido feroz. A tensão aumentou consideravelmente na sala.

— Continua, Enrico. — Disse Benito com calma, uma vez que Rafael e Miguel pareciam incapazes de expressar uma palavra nesse momento, tamanha era a sua raiva. — A tua irmã está bem?

— Não. Foi por isso que eu vim aqui. Beatrice foi despedida há dois dias, por suspeita de ter desviado dinheiro do supermercado. A minha irmã nunca faria uma coisa dessas. Ela tem certeza de que foram Seamus e os seus homens que armaram tudo. Ontem, ele apareceu lá em casa… e disse à minha mãe que a renda da casa tinha aumentado mais uma vez. Quando a minha mãe disse que era impossível nós pagarmos tanto dinheiro assim, ele deu uma gargalhada e disse à minha irmã… — Enrico deixou as palavras no ar. Não era necessário que ele continuasse, entretanto. A ameaça à sua irmã estava implícita na história. — Ele deu-nos dois dias para pagarmos. Ou saímos, ou Beatrice tem de… — O rapaz engoliu em seco, sem terminar o que ia dizer. Não que fosse necessário. — Ela nunca faria isso. A minha irmã é forte e

muito determinada. Saiu hoje cedo para *Llokaya,* para tentar encontrar outro trabalho, mas...

— Mas vocês não sabem se Seamus não a seguiu ou espalhou algum boato para impedir que ela encontre outro trabalho. — Completou Miguel.

— Sim... então, eu tinha de fazer alguma coisa. Pensei em vir aqui, Alfa, e implorar por ajuda. Não posso deixar a minha irmã ser humilhada por aquele... — ele engasgou-se e Rafael apoiou a mão mais uma vez sobre o ombro dele, acalmando-o. Enrico inspirou fundo e continuou. — Quando saímos para trabalhar, os homens de Seamus vigiam-nos de arma em punho, para *'não amolecermos'*, como eles dizem. Só temos direito a uma paragem durante o dia para comermos. Hoje, eu pedi ajuda do meu amigo, Luca. Enquanto me deslocava para trás do armazém em direção à mata, Luca fingiu que passava mal e atraiu a atenção dos guardas... e eu escapei para a floresta. Ia em direção à casa principal da matilha, quando...

— Foste atropelado. — Benito mais uma vez completou a frase de Enrico, olhando para Miguel com um erguer de sobrancelhas.

— Sim. É isso. Por favor, Alfa, tem de nos ajudar. Se não pagarmos até amanhã, teremos de ir embora do povoado. Isso, ou então a minha irmã terá de se deitar com aquele porco. Não posso deixar que isso aconteça. Pode ajudar-nos? Por favor?

Rafael inspirou fundo e ergueu-se, contendo a raiva por um fio.

— Enrico, dá o teu endereço ao Miguel. Miguel, chama dois homens e vai até à casa de Enrico. Tragam a mãe e a irmã dele. Levem um caminhão e tragam tudo o que for de valor para a família.

— A sério? Vamos mudar de casa? — Enrico olhava para Rafael, espantado. — Oh, eu pensei...

— Acho que é a solução mais viável agora, não achas? A não ser que não queiram mudar... acredito que já não é seguro para a tua mãe e a tua irmã ficarem nas terras de Salvatore.

Enrico assentiu e fez um esforço para levantar-se da cama.

— Oh, meu, nunca pensei que fossemos mudar de casa. Eu tenho de ir junto. Se vocês só aparecerem lá e disserem para elas virem para a Herdade, a minha mãe vai ficar assustada e vai pensar que é um jogo de Seamus, ou outra armadilha. Ela tem de me ver para acreditar.

Rafael assentiu e fez sinal para Miguel o acompanhar.

Quando os dois saíram, ele deu vazão à sua raiva. Deslocando-se para fora da clínica, soltou um urro irado e revoltado. Ainda estava a tentar conter-se quando sentiu uma mão apoiada no seu ombro.

— Não é tua culpa, Rafael. — Benito tentou consolá-lo, apercebendo-se da amargura adjacente à raiva do seu Alfa.

— Por que não vieram ter comigo quando essas coisas começaram a acontecer? Sou assim tão mau que as pessoas da minha matilha têm medo de falar comigo quando algo está errado?

— Não te esqueças de que essa parte da família não te fez nenhum juramento. Salvatore proibiu toda a família, e todos os membros do seu lado, de participarem das reuniões da matilha. Muitos devem achar que tu... que *nós* os abandonamos à sua própria sorte. Devem achar que ele é o alfa. Aposto que Seamus vestiu esse manto agora, não só nos negócios como também na liderança dos lobos castanhos.

Embora a matilha Giovenazzi fosse composta maioritariamente por lobos cinzentos, havia muitos lobos de pelagem mista e muitos castanhos, originários não só da Europa como também da América. Com a população de *shifters* cada vez mais diminuída, era simplesmente natural que todos se agrupassem em torno de um alfa que conseguisse manter a unidade do grupo. Foi assim com o seu pai e Rafael orgulhava-se de também o conseguir fazer. Até agora.

— Aposto que o bandido usou a cor do pelo para os convencer. Tu sabes, raças diferentes e tudo.

Curiosamente, o grupo que compunha o lado de Salvatore era formado, na sua maioria, de lobos castanhos. Se Benito estava certo, e parecia que sim, o seu tio usou esse facto para justificar o afastamento de todo o grupo e subjugá-lo. O maldito!

— Merda! Filho da puta! Isso vai parar agora. Vou convocar o Conselho para investigar o que se passa por lá.

Benito assentiu.

— E apoiar as famílias enquanto isso. Aposto que não é só a família de Enrico que está com dificuldades.

Capítulo 03

São Francisco, Califórnia

DO TERRAÇO do seu quarto, no décimo andar do Holiday Inn, Teresa contemplava a vista deslumbrante que a ponte Golden Gate oferecia ao pôr-do-sol. Unindo São Francisco ao Condado de Marin, rodeada pela Baía de São Francisco, a ponte era um ícone da cidade e um marco histórico da Califórnia, sendo um dos cartões-postais mais procurados pelos turistas.

Sentia-se revigorada depois de dormir cerca de dez horas – após uma viagem de treze horas – desde Milão até a Califórnia. Deixando o seu olhar vagar pela paisagem deslumbrante à sua frente, refletiu sobre os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas. A seguir a um curto passeio por Florença, em que Giovanna tentou mostrar-lhe alguns dos cartões-postais da cidade – embora de carro – foram em direção a Milão. Para Teresa, era um retorno à cidade onde viveu nos últimos dois anos. Estranhou ter de ir a Montepulciano, quando podia ter esperado por ela em Milão, e comentou isso com ela.

Giovanna disse-lhe que precisava completar alguns negócios de família em Montepulciano e que não queria chamar a atenção da imprensa para a presença dela em Itália mais do que o necessário. Depois do atentado contra a sua vida, a discrição era importante. Também não havia necessidade de expor Teresa ao escrutínio dos *paparazzi*, embora alguns deles a rondassem em Montepulciano. Só que esses, segundo ela, eram inofensivos. Jornalistas da imprensa local, que tentavam um exclusivo com a filha da terra que os visitava.

Durante o voo, num jato exclusivo, Giovanna e ela discutiram os detalhes das suas atribuições na vinícola. Ela seria responsável pela direção do laboratório de biotecnologia da Herdade Giovenazzi. Lideraria uma equipa, cuja responsabilidade era controlar todos os passos da produção de vinho, desde a colheita das uvas ao engarrafamento. O controlo das pragas e do sabor premiado dos vinhos Giovenazzi dependia desse trabalho de pesquisa e controlo.

Sabia que era capaz de liderar uma equipa e confiava nos seus conhecimentos técnicos para as tarefas que o seu cargo exigiam, mas não podia deixar de ficar um pouco apreensiva com o novo desafio que a aguardava.

Lembrou-se da sua surpresa quando foi informada de que ficaria hospedada na casa principal da Herdade, junto à família Giovenazzi.

— Na casa principal? Pensei que tivessem casas para os funcionários! — Ela exclamara, incapaz de esconder a sua confusão.

— Sim, temos. Mas são afastadas da casa principal. O escritório central e o laboratório ficam atrás da casa. A localização é propositada. Como está no centro da propriedade, fica mais fácil controlar tudo e evita grandes deslocamentos de parte a parte. — Ela entendia. Era mais fácil juntar a administração e todo o trabalho de escritório e pesquisa num só local. — O trajeto é mais curto, de forma que será mais fácil ficar lá hospedada. Também vai facilitar o nosso contacto, uma vez que você deverá reportar-se a mim e a Rafael, eventualmente.

A explicação era perfeitamente razoável, contudo não podia deixar de se sentir apreensiva pela proximidade com os seus patrões.

— Ah, vejo que já está acordada.

Voltando ao momento presente, Teresa olhou para trás. Giovanna vinha na sua direção.

— É linda, não é? — Giovanna posicionou-se ao seu lado, admirando também a paisagem. — Sabia que a Golden Gates já apareceu em diversos filmes? Superman, Godzilla, Star Trek...

— É linda. E a paisagem ao redor mais bonita ainda.

— Sim. — Contemplaram a paisagem em silêncio por alguns minutos, após os quais Giovanna perguntou. — Conseguiu descansar?

— Acho que dormi demais. Estou um pouco desorientada ainda. Vai levar algum tempo para superar o fuso horário.

— Provavelmente uma semana ou mais. São oito horas de diferença entre os dois continentes. Agora é dia em Itália. Aconselho-a a tentar manter os horários e ir para a cama uma hora mais cedo a cada dia. Embora eu já esteja acostumada, também vou ter dificuldades para conciliar o sono.

Enquanto conversavam, ouviram uma batida na porta principal do quarto.

— Boa noite. Serviço de quarto.

Antes que qualquer uma das duas se adiantasse, Manolo saiu de uma das portas laterais e posicionou-se na frente do binóculo da porta com a arma em punho; Bernardo estava do outro lado e acenou para que elas se mantivessem fora de vista enquanto os dois confirmavam a identidade do funcionário do hotel.

O funcionário entrou e preparou a mesa para o jantar, sob a estreita vigilância dos dois. Quando ele saiu, Manolo chamou-as:

— Ok, senhoras. O jantar está servido. — Manolo falou num tom brincalhão, que pretendia aligeirar a situação.

Giovanna caminhou para a sala de estar.

— Merda. Odeio isto.

— Então, prima? Isso é jeito de agradecer os nossos serviços? — Bernardo estava com uma toalha sobre o antebraço e uma garrafa de vinho na mão. — *S'il vous plaît, madame*[6] ... ao seu dispor.

Ele fez uma mesura para as duas enquanto puxava as cadeiras para trás e indicava que se sentassem de forma cortês. Isso despertou uma risada de Giovanna.

— Tolo. Vamos, Teresa, vamos comer antes que estes dois comam tudo.

Com um sorriso, Teresa sentou-se ao lado de Manolo e serviu-se, divertindo-se com a interação entre os primos à mesa.



No dia a seguir, ainda sonolenta, Teresa estava sentada no banco de trás do carro, ao lado de Giovanna. Iam em direção a Ukiah, para visitar a filial do laboratório da Herdade Giovenazzi.

— O Doutor Phillip Sainz é o responsável técnico desta filial. — Giovanna ia descrevendo à medida que a viagem prosseguia. — Comanda uma equipa de cerca de vinte técnicos, todos orientados para o controlo das pragas dos vinhedos, embora tenham outras pesquisas ligadas ao cultivo de quem procura o laboratório. Quando fomos invadidos pela *filoxera,* investimos no estudo científico para ajudar no controlo da praga. Outros produtores quiseram juntar-se a nós. Assim, abrimos uma filial em *Llokaya* e contratamos profissionais capacitados para o trabalho.

Teresa franziu a testa, não reconhecendo a palavra indígena. Giovanna continuou a falar e ela obrigou-se a acompanhar o seu discurso, sabendo que era importante para a função que iria desempenhar.

— O Dr. Phillip é nosso colaborador e o laboratório está ligado à toda a indústria da região. Vai gostar dele, Teresa. Vocês vão trabalhar juntos na coordenação de toda a pesquisa e investigação do laboratório.

Conforme circulavam pelos bairros residenciais, Teresa observava a cidade. Sede do Condado, Ukiah era a cidade mais populosa da região. Apesar disso, apresentava uma característica essencialmente

[6] "Por favor, senhora." Em francês.

rural, com as casas separadas entre si por jardins e vegetação nativa. Observando o seu interesse, Manolo disse:

— Esta é uma cidade pequena, comparativamente com Milão ou São Francisco. Porém, temos tudo o que uma grande cidade tem. Foi aqui que Grace Hudson viveu os seus últimos anos de vida. Ali está o Grace Hudson Museu. Sabe de quem estou a falar?

— Da pintora dos bebés Pomo[7]?

— Yep. — Rematou Manolo. — Grace Hudson pintou cenas maravilhosas do cotidiano dos índios Pomo. Ela e o marido ajudaram a preservar muitos dos costumes dos nossos fundadores. Sabe o que significa a palavra *Llokaya*?

— Não o estimule, Teresa. Manolo é um grande defensor dos costumes e tradições dos povos indígenas desta região. Se você deixar, ele vai contar todas as histórias que conhece e provavelmente vai tentar arrastá-la para uma das reuniões dos *Defenders*.

— *Defenders*?

— É o nosso grupo online de troca de informações, defesa e atos de protesto para a preservação dos costumes e tradições indígenas. — Declarou Manolo, orgulhoso.

— Há tribos em Mendocino? — Teresa perguntou, curiosa sobre a história da região.

— A Califórnia tem uma das maiores concentrações de povos indígenas dos Estados Unidos. Temos um bom grupo aqui mesmo, na Mendocino National Forest. O nosso Manolo aqui é especialista nos costumes indígenas. — Disse Bernardo.

— O nosso grupo ajuda e faz a ligação entre as duas culturas. O que sabe dos nossos índios, Teresa? — Perguntou Manolo.

— Quase nada... só o que vi dos filmes de faroeste que o meu avô gostava muito de ver.

— Pfff! Ou seja... quase nada. Os filmes são pura fantasia e muitas vezes retratam o índio como o vilão. Esquecem-se que, quando o branco aqui chegou, o índio já aqui vivia em comunhão com a natureza e os animais.

Giovanna virou-se para ela e apontou para Manolo.

— Vê? Já começou. Daqui a pouco tentará convencê-la de que o sol e a lua são seres celestiais que falavam com animais, que por sua vez também falavam e interagiam com os humanos.

---

[7] Grace Carpenter Hudson (1865–1937) - pintora americana, nacionalmente conhecida por uma série numerada de mais de 684 retratos dos índios Pomo, em Ukiah, Califórnia.

— Todos os costumes e tradições têm um pouco de fantasia, é verdade. Mas todas têm um fundo de verdade. Tu, mais do que ninguém, devias saber disso, Gio.

Manolo deu um olhar significativo para Giovanna, erguendo uma das sobrancelhas. Após uma troca acesa de olhares e uma luta privada, que intrigou Teresa, ela baixou os olhos, derrotada.

— Bem, bem, bem... — Bernardo pigarreou. — Vamos lá acalmar, meninos. Não ligue, Doutora. Esta é uma discussão permanente. Giovanna é uma mulher contemporânea, que vive no século XX, enquanto o nosso Manolo aqui... digamos que vive entre duas épocas: passado e presente.

Manolo bufou.

— Pft! Eu não vivo no passado! Só acho que não devemos apagar a história como se nunca tivesse existido. O passado orienta o nosso presente e conduz o futuro das novas gerações. As tradições têm de ser preservadas. Senão, qual será a nossa identidade no futuro? Não acha, Doutora?

— Estamos a falar com uma mulher da ciência, Manolito. Uma mulher da ciência, que se atém aos factos que podem ser comprovados. — Giovanna reatou a discussão.

— Não acredito que a Doutora seja assim tão cética. O que nos diz, Doutora? Não acha que a ciência e a tradição devem caminhar juntas, pacificamente?

Divertida pelo rumo da conversa, Teresa disse a Manolo.

— Primeiro, parabéns pela iniciativa, Manolo. E sim, como uma mulher da ciência, devo ater-me aos fatos que posso comprovar. — Ao seu lado, Giovanna fez um gesto de vitória a Manolo. Teresa sorriu com a piscadela risonha de Bernardo e continuou. — Contudo, a cultura e tradições dos povos não se podem perder. Muitas das descobertas da ciência foram feitas orientadas por lendas, ou narrativas tradicionais dos povos. Principalmente na medicina e na agricultura. Nós sabemos disso, Giovanna.

Manolo devolveu o gesto de vitória para Giovanna, que concordou.

— Ok, Manolito. Ganhaste esta.

— Não fiques triste, Giozinha... sempre podes ganhar outras. Embora eu não me lembre de nenhuma neste momento.

Antes que Giovanna pudesse responder, já alterada novamente, Bernardo fez um gesto para apaziguar as coisas.

— Vamos lá, priminha, aceita a derrota. — Disse ele, sorridente.

Rindo com a conversa e a troca de galhardetes entre os primos, Teresa dirigiu-se a Manolo.